

## — Beija-flores

in imagem.casadasciencias.org

### CITAÇÃO

Marques, J.J., Macieira, S. (2018)  
Beija-flores,  
*Rev. Ciência Elem.*, V6(01):013.  
[doi.org/10.24927/rce2018.013](https://doi.org/10.24927/rce2018.013)

### EDITOR

José Ferreira Gomes,  
Universidade do Porto

### EDITOR CONVIDADO

Luís Vítor Duarte,  
Universidade de Coimbra

### RECEBIDO EM

15 de fevereiro de 2018

### ACEITE EM

16 de fevereiro de 2018

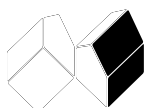
### PUBLICADO EM

14 de março de 2018

### COPYRIGHT

© Casa das Ciências 2018.  
Este artigo é de acesso livre,  
distribuído sob licença Creative  
Commons com a designação  
[CC-BY-NC-SA 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/), que permite  
a utilização e a partilha para fins  
não comerciais, desde que citado  
o autor e a fonte original do artigo.

[rce.casadasciencias.org](http://rce.casadasciencias.org)



Há uma tremenda diferença entre ver uma coisa sem um lápis na mão e vê-la ao desenhá-la.

PAUL VALÉRY

A auto-reflexividade das marcas desenhadas, presentes nesta ilustração de colibris, recordam o seu processo e aludem aos meios implicados na sua própria criação.

Quando as primeiras marcas irrompem no papel, desencadeia-se um processo dialético — com o objeto (que se observa) e com a construção gráfica que emerge — compatibilizando-a com a pragmática do desenho. Trata-se de uma relação que confronta — no desenho — o que pretende fazer e como pretende fazer.

Consideram-se, neste sentido, as variáveis de expressão dos meios e instrumentos do desenho no quadro abstrato das suas correspondências para os articular como significantes na busca de significados para as representações.

Materializado numa folha de papel e num instrumento para desenhar verifica-se a indispensabilidade de atuar representando o objeto com a consciência da escala, da cor ou da superfície, mas também, a natureza dos meios e das matérias para considerar o máximo de valor na construção de sentido.

J.J. Marques  
FBAUP/ Universidade do Porto

Os colibris ou beija-flores são aves do continente Americano, existindo entre 325 e 340 espécies, divididas em duas subfamílias: os eremitas e os beija-flores típicos.

Os beija-flores estão entre as aves de menor tamanho, medindo a maioria das espécies entre 7,5 a 13 cm, voando e pairando no ar com o bater das asas a 50 vezes por segundo, permitindo-lhes também voar a velocidades superiores a 54 km/h, para trás ou de cabeça para baixo. Estas aves têm a taxa metabólica mais alta de qualquer animal homeotérmico. Para economizar energia, têm a capacidade de entrar num estado de hibernação onde a sua taxa metabólica é reduzida a 1/15 do ritmo normal.

São nectarívoros especializados e estão vinculados às flores ornitófilas. As formas dos beija-flores variam drasticamente, como uma adaptação para a alimentação especializada.

A maioria das espécies, constrói um ninho em forma de taça no galho de uma árvore ou arbusto, embora, algumas espécies tropicais normalmente anexem os seus ninhos a folhas. Muitas espécies de beija-flores usam seda de aranha e líquenes para ligar o material do ninho e garantir a estrutura.

Sandra Macieira

